MANUAL PRÁTICO DO ÓDIO: A FICÇÃO DE UM SUBALTERNO

Eliane Pereira da Silveira

RESUMO©

Considerando a repercussão alcançada pelas narrativas ficcionais de Ferréz, porta-voz de uma *literatura* que, advinda das classes subalternas, tenta se infiltrar em meio à cultura letrada, o presente trabalho se propõe a discutir alguns dos impasses apresentados por **Manual Prático do Ódio** - e pela própria *literatura marginal* - àqueles que, abandonando pré-conceitos, dispõem-se a confrontá-lo de maneira crítica. Na obra em questão os referidos impasses podem ser observados através do posicionamento ambíguo do narrador frente ao universo narrado e da linguagem utilizada ao construí-lo.

PALAVRAS-CHAVE: ficção, literatura, subalternos.

INTRODUÇÃO

No ano de 2001, **Caros amigos**, revista de circulação nacional, apresentou ao seu público a primeira das três edições especiais[2] que dedicaria à *literatura marginal,* nascida nas periferias dos grandes centros urbanos brasileiros e representada por sujeitos moradores desses espaços. Reginaldo Ferreira da Silva (Ferréz), assumindo o papel de porta-voz dos *escritores marginais,* comunica no manifesto de abertura dessas edições - a exemplo das grandes vanguardas literárias, como lembra Fernando Villarraga (2004) – a existência de vozes que, rompendo o silêncio a que foram submetidas ao longo do percurso histórico da sociedade brasileira, representam os subalternos no cenário cultural do país. Assim, usuários do código lingüístico periférico e mergulhados nesse universo, Ferréz e os demais porta-vozes do "grito do verdadeiro povo brasileiro" passam a fazer uso da palavra escrita para expressar sua indignação frente à condição social dos moradores da periferia.

De acordo com entrevistas concedidas por Ferréz, os textos *marginais* seriam direcionados para os *manos da quebrada* e assim seria justificada a utilização de uma linguagem permeada de gírias e expressões que se aproxima da fala dos moradores da periferia. Dessa forma, a ficção *marginal* se distinguiria pelo fato de o criador do universo ficcional compartilhar não só das situações vividas pelas personagens por ele criadas, mas também do seu código lingüístico e práticas simbólicas, e, portanto, suas narrativas seriam mais autênticas do que qualquer outra tentativa de representação dessa realidade. Todavia, embora procurem, através dessa linguagem particular, afirmar sua identidade e reivindicar a autenticidade de seu discurso, esses escritores fazem alterações em seus textos, adequando-os aos padrões da língua culta. Como salienta Villarraga:

> Na verdade, o que parece sustentar de forma tácita as afirmações sobre a cumplicidade que existiria entre as obras dos *marginais* e as expectativas de um público leitor padronizado, é a tese de que, apesar dos propósitos que o movimento manifesta no referente à afirmação de sua identidade artística e cultural, seus expoentes não conseguem escapar às armadilhas da racionalidade discursiva imposta pela sociedade de consumo. (2004, p.43)

Portanto, esse fato aliado à afirmação de que os *escritores marginais* lutam por um espaço dentro da literatura brasileira, revelam que suas pretensões vão além do mero tornar a literatura acessível e atrativa àqueles que tradicionalmente, seja como escritores ou receptores, foram mantidos distantes dela.

Como mencionado anteriormente, Ferréz se tornou o principal expoente da *literatura marginal* e articulador central da futura consolidação desse movimento cultural e literário, tanto pelos textos que escreve como pela sua iniciativa de representar os escritores da periferia nos meios de comunicação e eventos literários significativos, tais como a *Festa Literária Internacional de Parati,* da qual participou como convidado em 2004. Em **Manual Prático do Ódio** (2003), sua segunda narrativa de repercussão nacional, é apresentada, a partir do ponto de vista de um narrador onisciente, a trajetória de um grupo de criminosos da periferia paulistana que planeja um ambicioso assalto na tentativa de saciar sua gana por dinheiro e ainda são postos em relevo o caráter contraditório das personagens advindas desses espaços e os principais problemas enfrentados

pelas mesmas. É importante ressaltarmos que a temática abordada por Ferréz, apesar de ser um dos fatores que nos permitem classificar sua obra como um texto *marginal*, não é algo exclusivo dessa *literatura*, uma vez que também escritores considerados integrantes da Alta Literatura já se ocuparam em representar ficcionalmente o universo dos socialmente marginalizados. **Manual Prático do Ódio**, assim como **Capão Pecado** (2000), destaca-se como uma narrativa *marginal* pela estreita relação que se estabelece entre membros de uma classe social inferiorizada e a linguagem escrita, tradicionalmente associada aos representantes da classe dominante. Como afirma Benito Rodriguez:

> No Brasil, a cultura letrada, e em especial as *Belas Letras*, para além de quaisquer eficácias eruditas ou científicas, sempre foram "marcas de distinção de classe", funcionando como uma ferramenta a mais para servir à separação entre os setores das elites e a grande maioria da população. (2003, p.50)

Nesse sentido, a ficção de Ferréz presta-se ao intuito da *literatura marginal* de tornar-se a expressão cultural dos subalternos, dotada de uma linguagem própria que proporciona aos seus escritores a possibilidade de representar, exaltar e denunciar a realidade de seu mundo como o faria qualquer autor inserido na tradição letrada.

Manual Prático do Ódio, obra cujo referente é a dura realidade vivida na periferia, serve como exemplo dos inúmeros impasses inerentes à *literatura marginal*, já que apresenta ao leitor um narrador que, assim como os representantes dessa *literatura*, porta-se de maneira ambígua frente ao mundo narrado, tanto no que diz respeito ao seu posicionamento em relação às atitudes dos integrantes do universo periférico como à linguagem que usa para construí-lo, ora de acordo com os padrões da norma culta ora de acordo com a maneira de falar dos moradores da periferia. Essa ambigüidade, que confere ao narrador a posição de maior destaque dentro da narrativa, torna-se perceptível na medida em que apresenta paradoxalmente os moradores desses espaços como culpados e inocentes de sua condição social e, principalmente, devido a tensão percebida em seu discurso entre o mundo letrado, representado pela adoção da linguagem culta, e o universo dos marginalizados, presente na narrativa pela incorporação do vocabulário periférico por parte do narrador. A respeito da linguagem empregada por Ferréz em **Manual Prático do Ódio** e **Capão Pecado**, Rodriguez afirma:

> Assim, a convivência entre construções verbais e vocabulário solenes, e não raros episódios de hiper-correção com relação à norma culta escrita e os ritmos e registros da mais franca oralidade, adoção de grafia pseudofonética e profusão de gíria *das quebradas*, parecem refletir uma combinação de matrizes relevantes não apenas na formação do próprio escritor, mas sobretudo do público das comunidades periféricas ao qual ele também dirige seu trabalho. (2004, p.61)

O narrador da ficção de Ferréz nos sugere, através da apresentação das personagens e da difícil realidade a que estão condenadas, que o crime, mais que um meio de sobrevivência, é, com raras exceções, um fim inexorável para aqueles que nasceram na periferia. Primeiramente, o narrador apresenta as personagens principais, acontecimentos ou modos-de-ser particulares, deixando ao leitor vagas impressões a respeito delas e insinuando as causas de sua adesão à vida criminosa e à violência. No decorrer da narrativa, intercaladas aos episódios vividos pelas suas personagens-chave, são apresentadas histórias de personagens secundárias que pouco ou nada têm a ver com o bando de assaltantes, mas cuja presença contribui para a construção do espaço em que decorre a trama, para instauração da verdade da obra e, principalmente, para uma espécie de justificativa para a existência do crime nesses espaços. Salientando a violência física, as dificuldades financeiras e os danos morais sofridos, o narrador procura amenizar a culpa dos criminosos, já que a estes não foi concedida nem ao menos a chance de escolher outro modo de sobrevivência.

Dessa maneira, somos levados a pensar que o homem suburbano, delinqüente, nada mais é que um produto das experiências ruins que vive ; seu destino, a degradação, não foi ele quem escolheu, foi-lhe incutido pela situação subalterna de que provém. Além disso, ao longo da trama, são relatadas algumas experiências de moradores que tentam lutar contra o inevitável; estes, porém, são explorados por seus empregadores e não ganham o suficiente para prover dignamente sua família. A delinqüência, portanto, parece ser, para aqueles que nasceram em meio à miséria e sem nenhuma perspectiva de ascensão social, a

única forma de conseguirem sobreviver e até de desfrutar de certo conforto, como o faz a personagem Mágico, um dos integrantes do bando de assaltantes, que "era folgado e cheio de querer, porque afinal já era quase rico".

O narrador parece acreditar que os criminosos são vítimas da corrupção do sistema, da desigualdade e do preconceito social, contudo apresenta-nos também de maneira detalhada as atrocidades praticadas por essas personagens. Contudo, ainda que denuncie claramente os desmandos da sociedade, gradativamente aponta para o fato de que, mascarada nessa revolta contra a disparidade social, está, na verdade, a crueldade e a ganância desses seres, como podemos constatar a seguir através do fragmento no qual o protagonista Régis é descrito:

> Seu negócio era mesmo o dinheiro, ver o tombo de alguém só quando necessário, só apertava para ver alguém morrer se isso lhe rendesse um qualquer, lembrava de todas as quedas das pessoas que tinha matado, muitos ele nem lembrava o rosto, mas os tombos ele guardava todos em sua memória, uns levantavam poeira, outros caiam secos, e o barulho ele achava muito bom. (p.15)

As personagens envolvidas no planejamento do assalto apontam o dinheiro como responsável pela injustiça social a que são submetidas, porém cometem os mais cruéis delitos para conquistá-lo. A partir do fragmento a seguir no qual o narrador satiriza algumas das práticas dos setores privilegiados da sociedade brasileira, podemos concluir que, mais do que prover suas famílias, os criminosos querem conquistar o poder e facilidades que o dinheiro é capaz de proporcionar e, dessa maneira, almejam concretizar sua vingança contra a classe dominante e se impor contra o *sistema*, os quais tanto detestam:

> Régis estava impaciente, estacionou o carro que pegou emprestado com o Mágico embaixo de uma árvore, o lugar era bem movimentado, os carros ao lado do seu talvez sejam deles, ninguém os distingue das pessoas tidas como normais, para ele são todos desgraçados, pagando cada um a seu jeito o preço de suas vidas tidas como normais, donos de lojas, banqueiros, doutores, sobreviventes às custas das miséria alheias, tomam os vinte por cento da dona que precisa tanto daquele dinheiro, extraem dentes que poderiam ser salvos, só que a dona que está em sua cadeira come farinha, então não tem importância, o Estado protege a sociedade contra delinqüentes, mas para Régis o certo seria aceitar que ele e os que conhece são delinqüentes por necessidade, por querer também participar das melhores coisas da vida, afinal sempre sentia que pior não era não ter, e sim saber que nunca iria ter, vários carros, uns com adesivos, "direito", "odontologia" e embaixo o nome da faculdade, Régis sentia-se um herói, estava jogando o jogo do capitalismo, o jogo era arrecadar capital a qualquer custo, afinal os exemplos que via o inspiravam ainda mais, inimigos se abraçavam em nome do dinheiro na Câmara Municipal e na Assembléia Legislativa, inimigos se abraçavam no programa de domingo pela vendagem do novo CD, os exemplos eram claros e visíveis, só não via quem não queria. (p.154)

Assim, o narrador deixa pistas de que a origem social das personagens e a exclusão a que estão condenadas podem não ser a única razão pela qual eles estão envolvidos no crime. Vejamos a seguir um fragmento em que o narrador apresenta Paulo, uma personagem completamente destoante do espaço por ele construído:

> Ele odiava tudo isso, odiava viver naquele lugar, no mesmo lugar que puxou seu pai para a cova e fez sua mãe fugir com o patrão e o abandonar ainda criança, mas sabia que o lugar tinha um ritmo, e ele outro, sabia que não devia entrar no ritmo do lugar e sim seguir seu próprio. (p.77)

Diferentemente da maioria dos jovens da periferia, Paulo não cedeu aos aparentes encantos proporcionados pelo vida criminosa e ainda sente repulsa pela incoerência, violência, degradação que caracterizam o lugar em que vive. Essa personagem trabalha honestamente para sobreviver e não busca nas bebidas alcoólicas ou nas drogas um refúgio da vida difícil que leva. Dedica seu pouco tempo livre à leitura e à apreciação da "*boa*" música.

Dizíamos anteriormente que o narrador de **Manual Prático do Ódio** caracteriza-se por uma atitude dúbia frente ao universo narrado, isso porque assim como insere na narrativa uma personagem capaz de adicionar à triste realidade periférica uma certa dose de esperança (e nesse sentido Paulo pode ser considerado como o alter ego do escritor Ferréz), também traz outras que fazem parecer ser humanamente impossível manter a integridade diante das precárias

condições de vida a que estão submetidos os moradores do espaço periférico.

O que torna ainda mais difícil identificar o posicionamento do narrador é a tentativa de estabelecimento de uma relação de causalidade dentro da narrativa, ou seja, a realidade vivida pelas personagens é vista como resultado de uma ação passada e acarretará complicações futuras. A violência e frieza característica do bando de assaltantes tiveram origem em desilusões sofridas no passado e, se no presente lhes proporcionam poder, futuramente lhes trará duras conseqüências. Assim, o narrador apresenta o crime como uma conseqüência das frustrações passadas, fá-lo parecer capaz de proporcionar felicidade, mas acaba insinuando que esse não compensa, uma vez que no desfecho da história as personagens envolvidas na *correria* não conseguem desfrutar do dinheiro roubado, pois quase todas morrem tragicamente.

Não podemos deixar de ressaltar a importância da linguagem utilizada na construção desse universo ficcional, a qual torna-se ainda mais relevante na medida em que evidencia a tensão existente na narrativa – e em outros textos de escritores *marginais* – entre os códigos lingüísticos culto e marginalizado. Através do acúmulo de vários fatos, passados e presentes, referentes a uma e outra personagem, num mesmo parágrafo e até mesmo numa única frase, o narrador imprime à narrativa um ritmo veloz, aproximando-a visivelmente à língua falada. Ao contrário do que ocorre com a tonalidade oral que o narrador tenta imprimir à narrativa, não é possível identificar claramente a perspectiva sobre a qual o narrador de **Manual Prático do Ódio** constrói esse mundo. Dependendo da personagem ou do fato apresentado, opta ou pelo código lingüístico de prestígio dentro da sociedade culta ou pelo código lingüístico *marginal*. Quando concede a voz a uma das personagens, parece não ser um mero espectador desse mundo, mas alguém que o conhece nos seus mínimos detalhes porque faz parte dele. Esse argumento poderia ser contestado se levássemos em consideração que estamos tratando de um narrador que penetra na consciência das personagens e, portanto, poderia entre outras coisas reproduzir seu comportamento lingüístico. Todavia, o narrador em questão não só reproduz no discurso direto esse falar, mas também mostra-se um conhecedor de seu valor simbólico, pois incorpora ao próprio discurso inúmeros vocábulos pertencentes às personagens , como se nele estivesse ecoando a voz dos moradores da periferia, o que podemos notar no seguinte trecho:

> Nego Duda parou por um instante, hesitou, preferiu ir pela rua de cima, colocou a mão no bolso direito e sentiu a ponta, conferiu se estava levando o isqueiro, positivo, pulou o muro do colégio e acendeu, fumou o que restara do baseado de dias antes, foi se encontrar com o mandante do crime que não iria acontecer, já fazia meia hora que estava esperando e esperar lhe trazia agonia, só pela espera o maluco já devia morrer, afinal malandro não marca touca, mas deu mais alguns minutos e o mandante chegou, todo sorridente lhe entregou o pacote com o dinheiro e foi dar a foto do encomendado quando Nego Duda sacou da quadrada, e num deu tempo nem do mandante correr, caiu durinho no chão, acabou pagando a própria morte. (pág.50)

Por outro lado, percebemos também que conhece e sabe utilizar a norma culta da língua. Dessa forma, concluímos que a perspectiva do narrador, por apresentar-se de maneira ambígua, tanto pode ser a de um letrado que, ao entrar em contato com o mundo narrado, toma emprestado das personagens seu modo de falar como a de alguém que se vê obrigado a utilizar a linguagem culta mas, por vezes, deixa vir à tona seu verdadeiro linguajar.

CONCLUSÃO

Ao nos depararmos com narrativas ficcionais como **Manual Prático do Ódio,** apreciando ou não a temática abordada, a linguagem empregada ou a maneira como são construídas, vemo-nos tentados a refletir e tentar encontrar respostas que expliquem sua complexidade. Como reiterado ao longo deste artigo, o interesse despertado pela ficção de Ferréz e por outros textos de representantes da *literatura marginal* não se deve apenas à origem social de quem os compõe, mas principalmente às ambigüidades e tensões por eles evidenciadas.

A *literatura marginal* busca, através da representação do mundo da periferia e da linguagem empregada por seus representantes, afirmar a identidade e a particularidade do espaço de que provém. Contudo, apresenta textos como **Manual Prático do Ódio** em que

normas lingüísticas do mundo culto e a linguagem característica da periferia são incorporadas indistintamente no discurso do narrador. Assim somos levados a refletir a respeito das metas as quais os *marginais* desejam atingir, pois pode ser que almejem apenas tornar a literatura acessível aos moradores da periferia ou denunciar a realidade a que estão condenados a outros setores da sociedade ou até mesmo voltar o olhar de alguns setores da crítica sobre si.

O que parece ser notório é que Ferréz e os demais representantes da *literatura marginal* sabem que, por mais que se oponham à classe dominante e denunciem seus desmandos, é ela a detentora do poder intelectual e é com o despertar de sua atenção que conseguirão conquistar seus objetivos, sejam eles quais forem. Fica claro, portanto, o fato de que estamos frente a um movimento que, além de apresentar textos repletos de ambigüidades, reivindica o *status* de literatura e, com a provação ou reprovação por parte da crítica brasileira e instituições culturais, está "lutando pelo espaço para que no futuro os autores do gueto sejam também lembrados e eternizados".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRÉZ. **Capão pecado**. 2ªed. São Paulo: Labortexto, 2000.

_____. A cultura da periferia: Literatura marginal – Ato I, Ato II e Ato III. **Caros Amigos.** São Paulo: Casa Amarela, s/d, s/d e abril de 2004.

_____. **Manual prático do ódio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

RODRIGUEZ, Benito Martinez. *Mutirões de palavra: literatura e vida comunitária nas periferias urbanas*. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n.22, p.47-61, jul./dez. 2003.

_____. *O ódio dedicado*. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n.24, p.52-67, jul./dez. 2004.

VILLARRAGA, Fernando. *Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita*. **Estudos de literatura brasileira contemporânea,** Brasília, n.24, p.35-51, jul./dez. 2004.

NOTAS

© Aluna do 6º semestre do curso de Letras, bolsista FIPE do projeto Formas da ficção narrativa moderna: revisão teórica e crítica, orientado pelo Prof. Dr. Fernando Villarraga Eslava, e participante do Grupo de Pesquisa CNPq América Latina: representações literárias contemporâneas. Algumas das idéias contidas neste artigo foram expostas na comunicação apresentada em Espaços de Circulação da Linguagem / 22ª Semana de Letras/ 8º Seminário Internacional de Língua e Literatura, realizado na Universidade Federal de Santa Maria, no período de 05 a 08 de outubro de 2004

1 Ver _____. A cultura da periferia: Literatura marginal – Ato I, Ato II e Ato III. Caros Amigos, São Paulo: Casa Amarela, s/d, s/d e abril de 2004.